

Adriana Barsotti
Universidade Federal
Fluminense - UFF
Email:
adrianabarsotti@id.uff.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):
Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

As mentiras de Bolsonaro e o jornalismo declaratório: Como a imprensa ampliou a desinformação sobre o meio ambiente

*Bolsonaro's lies and
statement-driven journalism:
How the press amplified misinformation about
the environment*

*Las mentiras de Bolsonaro y el
periodismo declarativo:
Cómo la prensa ha amplificado la
desinformación sobre el medio ambiente*

Barsotti, A. As mentiras de Bolsonaro e o jornalismo
declaratório: como a imprensa contribuiu para ampliar a
desinformação sobre o meio ambiente. Revista Eco-Pós, 26(01),
79–104. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28026>

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>
ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023
DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28026

RESUMO

Em um cenário de desinformação, ataques à ciência e ameaça à vida no planeta, era de se esperar que o jornalismo, cujo *ethos* se baseia na defesa do interesse público, assumisse um papel de protagonismo na sociedade. Este artigo tem por objetivo analisar a cobertura da imprensa acerca das seis mentiras sobre o meio ambiente mais repetidas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro durante seu mandato. Foram analisadas 33 notícias de nove sites de jornais sobre as declarações falsas do ex-presidente sobre esses temas. Dos 33 títulos analisados, 21 foram declaratórios, representando 64% dos casos. Os títulos de teor crítico foram 11, o equivalente a 33%. Apenas um apontou que Bolsonaro estava mentindo — o correspondente a 3% da amostragem. A mesma tendência foi verificada nos subtítulos, o que leva à conclusão de que o jornalismo contribuiu para ampliar a desinformação sobre o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: *Bolsonaro; Mentiras; Jornalismo declaratório; Desinformação; Meio ambiente.*

ABSTRACT

In a scenario of misinformation, attacks on science and threats to life on the planet, it was expected that journalism, whose *ethos* is based on defending the public interest, would assume a leading role in society. This article aims to investigate the press coverage of the six lies about the environment most repeated by former President Jair Bolsonaro during his term. For the corpus, 33 articles from nine newspaper websites were analyzed. They correspond to the false information spread by the former president on these six topics. Of the 33 titles analyzed, 21 were declaratory, representing 64% of the cases. The titles with critical content were 11, equivalent to 33%. Only one pointed out that Bolsonaro was lying – corresponding to 3% of the sample. The same tendency was verified in the subtitles, which leads to the conclusion that journalism contributed to widening misinformation about the environment.

KEYWORDS: *Bolsonaro; Lies; Statement-driven journalism; Misinformation; Environment.*

RESUMEN

En un escenario de desinformación, ataques a la ciencia y amenazas a la vida en el planeta, era de esperarse que el periodismo, cuyo *ethos* se basa en la defensa del interés público, asumiera un rol protagónico en la sociedad. Este artículo tiene como objetivo analizar la cobertura periodística de las seis mentiras sobre el medio ambiente más repetidas por el expresidente Jair Bolsonaro durante su mandato. Se analizaron 33 noticias de nueve sitios web de periódicos sobre declaraciones falsas del expresidente sobre estos temas. De los 33 títulos analizados, 21 fueron declarativos, lo que representa el 64% de los casos. Los títulos de contenido crítico fueron 11, equivalentes al 33%. Solo uno señaló que Bolsonaro estaba mintiendo, lo que corresponde al 3% de la muestra. La misma tendencia se verificó en los subtítulos, lo que lleva a concluir que el periodismo contribuyó a ampliar la desinformación sobre el medio ambiente.

PALABRAS CLAVE: *Bolsonaro; Mentiras; Periodismo declarativo; Desinformación; Medio ambiente.*

Submetido em 07 de março de 2023

Aceito em 26 de maio de 2023

Introdução

Ao longo do seu mandato, o ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro fez 6.676 declarações falsas ou distorcidas, numa média de 4,58 mentiras por dia (Ribeiro, 2022). As mentiras sobre o meio ambiente figuraram como o terceiro grupo de temas sobre os quais Bolsonaro mais deu declarações falsas, atrás apenas da pandemia de Covid-19 e da economia, segundo ranking elaborado pela agência de *fact-checking* *Aos Fatos* a partir de todas as afirmações enganosas do ex-mandatário desde 2019.

Foram 354 declarações mentirosas de Bolsonaro sobre o meio ambiente de 2019 a 2022. Dentre elas, a agência *Aos Fatos* destacou as seis mais recorrentes. O propósito deste artigo é checar como os sites de jornais noticiaram essas seis afirmações enganosas, se de maneira crítica ou apenas reproduzindo as frases mentirosas do ex-presidente, como é típico do chamado jornalismo declaratório (Chagas; Cruz, 2022; Oliveira, 2018).

Para atingir os objetivos, foi realizada uma análise de conteúdo que reuniu 33 notícias de nove veículos, conforme será detalhado na seção dedicada à metodologia. Para discutir o tema, o artigo traz, a seguir, uma revisão bibliográfica sobre a objetividade jornalística e o jornalismo como forma de conhecimento em meio a um cenário de desinformação e à luz da ameaça à biodiversidade do planeta. O enfoque recai sobre o meio ambiente diante da grave crise planetária. Era de se esperar que o jornalismo, consolidado na modernidade com base na defesa do interesse público, assumisse um protagonismo na sociedade, alertando para os riscos de se negar a destruição do meio ambiente e suas consequências sobre a biodiversidade na Terra.

1. Onde estamos?

Se o jornalismo pretende ser o tradutor do mundo para o público é preciso que ele se insira no espírito do seu tempo. E o espírito do nosso tempo está fissurado diante das reações da Terra à ação humana. Fomos acostumados a pensar “a natureza” em oposição à “humanidade”, como se a primeira fosse um elemento exterior à nossa existência, a qual podíamos subjugar. Krenak nos adverte sobre esse mito da humanidade:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade [...] fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja a natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza (Krenak, 2019, p. 16-17).

O fato é que todos os habitantes do planeta estão sendo convocados a pagar o preço por suas atitudes. As mudanças climáticas — ou mutação climática, como prefere denominar Bruno Latour —, não têm fronteiras. “A nova universalidade consiste em sentir que o solo está em vias de ceder”, adverte Latour em *Onde aterrar? – Como se orientar politicamente no Antropoceno*, em que reflete sobre o que denomina de Novo Regime Climático e suas consequências (Latour, 2020, p. 18). O teórico relaciona três fenômenos contemporâneos — explosão de desigualdades, “onda de populismo” e crise migratória — como expressões da mesma ameaça: o Novo Regime Climático.

Surgida na esteira da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, a nova onda “populista”, sustenta Latour, localiza o inimigo nas migrações contra as quais devem se erguer barreiras para proteger fronteiras. Para o filósofo, tais governos não compreendem uma outra dimensão dessa mesma mutação: “O Novo Regime Climático vem há tempos varrendo todas as fronteiras e nos expondo aos quatro ventos sem que haja meios de construirmos muros contra os invasores” (Latour, 2020, p. 19).

Se queremos defender o território a que pertencemos, precisamos identificar também essas migrações sem forma e sem nação que chamamos de clima, erosão, poluição, esgotamento de recursos, destruição de habitats. Mesmo bloqueando as fronteiras aos refugiados humanos, nunca será possível impedir a passagem desses outros (Latour, 2020, p. 19).

Daí vem o título do livro — todos estaríamos em busca de um solo onde aterrar —, já que a Terra passou a reagir às investidas dos humanos, até aqui calcados na lógica de produção da modernidade, em que o planeta era visto como uma fonte de recursos a serem explorados. Não há fronteira que nos proteja do Novo Regime Climático. A opção de alguns é negá-lo. “Negar é mentir friamente”, diz Latour (2020, p. 32). A negação surge, seja como projeto político intencional, seja abraçada por aqueles que se sentiram traídos pelos ideais de modernização embutidos na globalização e deles foram excluídos: não há mais como sustentar esse estilo de

vida no planeta, como ficou evidente no Acordo de Paris, proposto em 2015, que tem como objetivo limitar o aquecimento global a 1,5º C e evitar que ultrapasse 2º C até o final do século. A força das mutações climáticas é tamanha que Latour defende o Terrestre, com “t” maiúsculo, como um novo ator político na geopolítica mundial, representando todos os terrestres — não apenas os humanos (2020, p. 50).

Latour critica a postura da imprensa diante do negacionismo e acredita que ela mesma está presa na armadilha da desinformação. Os jornalistas, aponta o filósofo, acham que bastaria “reunir as pessoas comuns numa boa sala de aula como antes, com quadro negro e lições a estudar, para que a razão triunfasse” (2020, p. 36). Esperava-se das pessoas excluídas do processo de globalização, que viram todos os ideais de segurança e de solidariedade ruírem, “que tivessem nos fatos científicos a mesma confiança de um Louis Pasteur ou de uma Madame Curie!”, indigna-se o autor (Ibidem, p. 33). Para Latour, fatos científicos só triunfam quando existe uma cultura compartilhada, instituições confiáveis, “uma vida pública relativamente decente”, uma “imprensa confiável na medida do possível” (Ibidem, p. 33).

A questão, portanto, não é saber como corrigir as falhas do pensamento, mas sim como partilhar a mesma cultura, enfrentar os mesmos desafios e vislumbrar um panorama que possamos explorar conjuntamente. A primeira atitude demonstra o vício habitual da epistemologia, que consiste em atribuir a supostos déficits intelectuais algo que é meramente um déficit de prática comum (Latour, 2020, p. 36).

A imprensa clássica “sempre foi politicamente legitimada pela preservação dos direitos civis, da liberdade e da democracia”, observa Muniz Sodré. Para tanto, era “lastreada por um pacto simbólico de transparência ou de veridicção, isto é, de comunicação de uma verdade consensual” (Sodré, 2021, p. 153). Um dos instrumentos no qual se assenta a produção dessas verdades consensuais é a objetividade jornalística, que agora se encontra em xeque pelas razões que serão expostas no próximo tópico. O artigo parte da premissa de que o jornalismo declaratório, embora ainda careça de uma conceituação mais sólida, é uma das faces nefastas da estratégia da objetividade.

2. Os limites da objetividade jornalística no século XXI

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28026

Foi a partir das primeiras décadas do século XIX, nos EUA, que os jornais passaram a valorizar mais os fatos do que as opiniões, dando origem ao chamado jornalismo de informação — até hoje o paradigma em que se baseia o *ethos* profissional. Os periódicos queriam ampliar seu público, tornando-se atraentes para a nova classe média alfabetizada que se formava. Afastando-se da tomada de posição que caracterizou a fase inicial do jornalismo, eles conseguiram aumentar suas receitas com publicidade, afirmando seu apartidarismo para não correrem o risco de afastarem anunciantes (Mindich, 1998). A suposta separação de fatos e opiniões, aparentemente resolvida por meio de manuais de redação, recursos gráficos e títulos, foi, portanto, uma estratégia mercadológica.

Na forma de apresentar as informações, foram inúmeras as mudanças trazidas pelo jornalismo de informação, entre elas o *lead*, a pirâmide invertida, a entrevista e a primeira página preenchida com notícias. Surge o mito da objetividade e da imparcialidade: o jornalista deveria observar a realidade social e produzir relatos com base no método da objetividade, de inspiração positivista. Os jornalistas “acreditavam que fatos não eram declarações humanas a respeito do mundo, mas aspectos do próprio mundo” (Schudson, 2010, p. 16).

A partir de 1920, a objetividade começaria a ser questionada. Após a Primeira Guerra, os jornalistas já estavam convencidos de que não bastava apenas reportar os fatos. “O mundo que reportavam era algo que os partidos interessados tinham construído para que a imprensa relatasse” (Schudson, 2010, p. 17). Nos anos 1960, Schudson nota que novamente a objetividade no jornalismo torna-se suspeita. Para o teórico, a reportagem “objetiva” reproduzia uma visão da realidade social que se recusava a examinar as estruturas do poder e do privilégio. Duas condições favoreceram nos EUA a crítica ao jornalismo. Primeiro, houve uma ampliação da manipulação dos fatos sobre a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã pelo governo e uma crescente conscientização a respeito disso. A segunda foi o surgimento, na década de 1960, de uma “cultura de oposição”.

Apesar de todo o contexto de desconfiança em relação à crença incondicional nos fatos, a objetividade jornalística persistiu na cultura profissional, mas agora como um método. Para Schudson, neste cenário de desconfiança na racionalidade, a objetividade passa a ser uma estratégia na atividade profissional.

O ideal da objetividade, entendido como declarações consensualmente validadas sobre o mundo, com base numa separação radical entre fatos e valores, passa a se estabelecer. Contudo, ele surge não tanto como uma extensão do empirismo ingênuo e da crença nos fatos, mas como uma reação contra o ceticismo [...] Não representava, enfim, a expressão final de uma crença nos fatos, mas a imposição de um método projetado para um mundo no qual nem mesmo os fatos poderiam ser confiáveis (Schudson, 2010, p. 144).

Gaye Tuchman (1999) também enxerga na objetividade jornalística uma estratégia – mais precisamente “um ritual estratégico” — que os jornalistas usam para se defender dos erros e críticas a seu trabalho. Ela elencou alguns desses procedimentos: apresentar “os dois lados” de uma notícia, relacionando as diferentes versões para o fato; a apresentação de provas auxiliares que confirmem uma afirmação; o uso das aspas de tal maneira que opiniões são apresentadas como prova suplementar; a técnica da pirâmide invertida utilizada no *lead*, segundo a qual os fatos mais relevantes devem constar no primeiro parágrafo da notícia. Note-se que o uso das aspas deveria ser apenas um dos aspectos da objetividade, mas não raro as meras declarações tornam-se a norma, como será visto adiante.

No Brasil, o processo de consolidação do jornalismo de informação começa a despontar no início do século XX. Marialva Barbosa nota que os anos 1910 são configurados como “o momento em que o jornalismo queria se autoconstruir como lugar de poder” (2007, p. 132). Barbosa resgata falas de jornalistas fundadoras de um passado mítico da profissão no Brasil. Os depoimentos revelam os alicerces sobre os quais o grupo construiu o ideal da profissão.

Aspecto recorrente nas narrativas memoráveis dos jornalistas como grupo é o da valorização da informação. Em todas as falas, a separação entre o mundo da opinião e o mundo da informação vai construindo o ideal de objetividade como valor imprescindível para a notícia e, sobretudo, como aspecto fundamental da profissão. Com isso, instauram a mítica da imparcialidade, indispensável para quem quer se afirmar como tradutor do mundo para o público. E, em função disso, aquinhoar maior poder simbólico (Barbosa, 2007, p. 81).

Não é de hoje, portanto, que a objetividade jornalística vem sofrendo críticas e sendo contestada como prática. No século XXI, um dos principais cânones do jornalismo continua sob fogo cruzado. Os autores do relatório *Beyond Objectivity – Producing trustworthy news in today’s newsrooms* (Downie Jr; Heyward, 2023) ouviram mais de 75 jornalistas e concluíram que é preciso abandonar a objetividade. Entre os motivos, citam o modelo das TVs a cabo, que não

separam os fatos das opiniões, e a constatação de que a objetividade reflete os valores dos homens brancos, maioria das lideranças nas redações e também das fontes ouvidas nas reportagens. O relatório alerta, ainda, para os riscos dos “dois lados” na cobertura das mudanças climáticas e dos ataques à democracia.

Um outro estudo publicado nos EUA também mostrou o risco de apenas se ouvir os dois lados quando se trata de coberturas ligadas à emergência climática. Os autores advertem que as ondas de calor na Europa em 2019 foram um lembrete de que precisamos tomar medidas urgentes para retardar o aquecimento global. No entanto, ressaltam que a mídia americana continua dando espaço às opiniões de pessoas que não acreditam que haja motivo para alarme, o que faz o problema parecer menos terrível do que realmente é, e atrasa a solução (Imundo; Rapp, 2022).

Kovach e Rosenstiel (2003) ponderam que a busca pelo equilíbrio preconizada pela objetividade no jornalismo pode levar à distorção. Como exemplo, os autores citam que seria um “desserviço para os cidadãos e para a verdade” se o jornalismo desse espaço a vozes dissonantes, passando a impressão de que o debate científico está dividido, mesmo quando grande parte dos cientistas considera que o aquecimento global é um fato científico ou que determinado tratamento médico é o mais seguro. “Infelizmente, com frequência, o equilíbrio jornalístico é mal construído e leva a esse tipo de significado quase matemático” (Kovach; Rosenstiel, 2003, p. 121-122).

Barsotti (2021) sinaliza outros fatores que vêm contribuindo para o desgaste da objetividade no jornalismo: a disseminação da desinformação, a distribuição algorítmica de notícias e a ascensão de regimes autoritários. O regime de visibilidade das notícias, condicionado pelos algoritmos das plataformas de busca e redes sociais, reduz o alcance das notícias que seriam tradicionalmente colocadas em destaque pelos jornalistas. Além disso, no meio digital, o jornalismo é parcialmente esvaziado da produção de sentido: cada notícia é um link que ganha vida própria e desprende-se do contexto de edição planejado pelos jornalistas. Se em uma página houver outras notícias que forneçam contextos ou contrapontos a um determinado tema, eles poderão se perder nas redes sociais e plataformas de busca. O título pode ser o suficiente para o leitor decidir se vai acessar o link para ler a notícia completa.

Outro golpe contra o jornalismo e, conseqüentemente contra a objetividade que o alicerça, é o projeto de poder da extrema-direita, que passa pela “construção intencional da ignorância” (Rêgo; Barbosa, 2020), a partir de um ponto de vista de negação da ciência, ataques ao jornalismo e distribuição de desinformação pelas plataformas digitais.

Como o jornalismo deve reagir a isso? Como preservar o equilíbrio na cobertura quando um dos lados atenta abertamente contra a preservação da biodiversidade no planeta ao negar as mudanças climáticas e atacar a ciência? Na verdade, cabe uma pergunta anterior: qual conhecimento o jornalismo produz ao reproduzir declarações de autoridades que sabidamente tentam construir a ignorância? Em entrevista a Rosental Alves, em painel do 15º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, Jeff Jarvis afirma que o jornalismo deveria ir além da objetividade e assumir seu lado ativista. “Os jornalistas optam por usar uma linguagem mais vaga com a intenção de tornar o trabalho mais objetivo. Quando se usa uma abordagem direta, parece que iremos soar ativistas. É preciso admitir que somos ativistas”, declarou (Gilbertini; Real, 2020).

Moraes (2021, p. 115) também defende a tomada de posição e a dimensão subjetiva do jornalismo: “uma perspectiva ativista na produção da informação não é percebida como algo menor, que macula um enquadramento, que diminui uma mirada: antes, entendemos que o ativismo é algo pertinente ao jornalismo, seja ele localizado no literário, público, investigativo”. Marocco aponta para possibilidades de resistência no jornalismo que permitiriam as transgressões das normas forjadas na modernidade. Neste lugar de resistência, o jornalismo “emite sinais de autonomia da norma, de coragem e de identificação direcionados aos que estão às margens da sociedade e do jornalismo” (Marocco, 2021, p. 59).

3. Jornalismo, forma de conhecimento e desinformação

O jornalismo construiu seu capital simbólico com base em um saber que produz conhecimento acerca de verdades consensuais. A construção dessa prática discursiva envolve a interpretação, a opinião, o julgamento ético e a ideologia, aponta Genro Filho (1987). A objetividade jornalística, entretanto, faz parecer que o mundo é um agregado de “fatos prontos e acabados”, como se tivessem uma existência anterior a qualquer forma de percepção, além de

Dossiê Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28026

uma autonomia em relação a qualquer ideologia ou concepção de mundo. Ao jornalista, caberia a simples tarefa de recolher os fatos “como se fossem pedrinhas coloridas” (Genro Filho, 1987, p. 188).

Para Genro Filho, essa seria uma visão ingênua de fundo positivista e funcionalista. Embora o jornalismo produza conhecimento com base na singularidade de um acontecimento, ele está desde sempre conectado a uma dimensão histórico-social. “O critério jornalístico de uma informação está indissolúvelmente ligado à reprodução de um evento pelo ângulo da singularidade”, ainda que o conteúdo da informação esteja contraditoriamente associado ao particular e ao universal (Genro Filho, 1987, p. 163).

Os acontecimentos singulares movem o fazer jornalístico, mas esses fatos estão conectados às suas dimensões particulares e universais. Os fatos jornalísticos “singulares”, conseqüentemente, não são “puramente objetivos”. Se o fenômeno é objetivo, sua essência é apreendida no relacionamento com a totalidade histórica. O jornalismo de informação se consolidou, como vimos, a partir da tentativa de separar fatos de opiniões, o que Genro Filho considera uma falsa oposição. Afinal, a valoração já está presente nas formas de reconhecimento, hierarquização e seleção dos fatos.

Cabe também lembrar a definição de Park (1972) sobre jornalismo como produtor de conhecimento. Para o sociólogo, as notícias ocupam um lugar intermediário entre as ciências e a história na interpretação do mundo, uma vez que o jornalismo não lida com o conhecimento sistemático das ciências, tampouco com os fatos históricos, preocupando-se com o presente. Para Park, a função da notícia é “orientar o homem e a sociedade”; na medida em que o consegue, garante a “permanência da sociedade” (Park, 1972, p. 183). Ao reproduzir declarações sabidamente mentirosas, o jornalismo não estaria, ao contrário, desorientando a sociedade?

Vale trazer o conceito de verdade factual de Hannah Arendt para a discussão sobre o jornalismo como forma de conhecimento. A filósofa advertiu que a marca distintiva da “verdade factual consiste em que seu contrário não é o erro, nem a ilusão, nem a opinião, nenhum dos quais se reflete sobre a veracidade pessoal, e sim a falsidade deliberada, a mentira” (Arendt, 2014, p. 308). Apesar de ressaltar que dizer a verdade dos fatos vai muito além da tarefa cotidiana de produção da informação pelos jornalistas, ela destaca a função política do jornalismo enquanto forma de conhecimento sobre a realidade social imediata. “Onde todos

mentem acerca de tudo que é importante, aquele que conta a verdade começou a agir” (Arendt, 2014, p. 311). Seria de se esperar que o jornalismo assumisse esse papel de agente que confronta mentiras, especialmente em um contexto de graves ameaças à democracia e à vida no planeta, em vez de reproduzi-las acriticamente como no jornalismo declaratório.

Cabem aqui algumas breves considerações sobre o jornalismo declaratório, embora ele ainda careça de uma solidez conceitual, como notaram Chagas e Cruz (2022). Para Rubim e Colling (*apud* Chagas e Cruz, 2022) caberia ao repórter “apenas a tarefa de coletar as declarações das fontes, sem nenhuma preocupação em saber se as informações são verdadeiras ou não”. Oliveira (2018, p. 55) defende que as declarações são necessárias para o jornalismo e aponta que o problema é quando elas não são verificadas, o que pode ser uma “arma midiática letal”. Chagas e Cruz (2022, p. 109) concluem que uma das características do jornalismo declaratório é “colocar as declarações contidas nas notícias como se fossem fatos concretos, que falam por si só”.

Dois estudos recentes se debruçaram sobre a atitude da imprensa diante da cobertura do governo Bolsonaro: um traz à luz momentos em que os jornais decidiram agir, apontando as mentiras do ex-presidente em seus títulos. O outro aponta para a “letalidade” da mídia, demonstrando que os veículos contribuíram para ampliar a desinformação. Barsotti e Aguiar (2021) notaram uma mudança no campo semântico na cobertura da imprensa durante o governo Bolsonaro entre 2020 e 2021. Depois de analisarem reportagens e manchetes dos três jornais de referência — *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo* — e das duas maiores agências de checagem do país — *Lupa* e *Aos Fatos* —, os autores constataram que a imprensa passou a incorporar em seu vocabulário a palavra “mentira” para referir-se a informações falsas ditas por Bolsonaro, na tentativa de reforçar seu papel de instituição credível. O substantivo e o verbo — *mentira* e *mentir* —, entretanto, estiveram ausentes no primeiro ano analisado.

Estudo de Gehrke, Träsel, Ramos e Ozorio (2023) também indicou que não houve uma postura crítica da imprensa em 2020, primeiro ano da pandemia de Covid-19. Eles analisaram títulos dos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* e dos portais *G1*, *Terra* e *UOL*, com base em declarações falsas ou enganosas ditas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Os autores apontaram que as organizações jornalísticas falharam, na maior parte dos casos, em corrigir afirmações falsas feitas por Bolsonaro. A análise demonstrou que 60,36% dos títulos apenas reproduziam as falas de Bolsonaro e que apenas 26,13% forneceram elementos de contexto. Em

apenas 13,51% dos títulos consta que o presidente estava mentindo. A partir dos resultados da investigação, os pesquisadores mostram que a imprensa, ao adotar o jornalismo declaratório como prática, pode, em muitos casos, contribuir para ampliar a desinformação.

Os achados de Gehrke, Träsel, Ramos e Ozorio (2023) contrariam as diretrizes recomendadas para a mídia por Wardle e Derakhshan (2017) para combater a desinformação. O conceito de desinformação proposto pelos autores é referência nos estudos sobre o que chamam de “distúrbios da informação”. Os autores propuseram a categoria desinformação como uma das três para substituir o termo *fake news*, apropriado por líderes da extrema-direita para desqualificarem o trabalho da imprensa¹. Em *Information disorder*, eles fazem oito recomendações às organizações jornalísticas. A sétima e a oitava são “melhorar a qualidade dos títulos” e “não disseminar conteúdo fabricado” (2017, p. 8).

4. Metodologia

Para verificar o teor da cobertura de sites de jornais sobre as declarações falsas do ex-presidente Jair Bolsonaro acerca do meio ambiente, o ponto de partida foi a curadoria feita pela agência de *fact-checking* *Aos Fatos*. A agência tem uma ferramenta própria por meio da qual todas as declarações do ex-presidente estão disponíveis em um banco de dados. Em reportagem publicada no dia 29 de dezembro de 2022, a *Aos Fatos* fez um balanço das declarações falsas de Bolsonaro por área temática.

Na categoria meio ambiente, objeto deste artigo, foram seis as declarações mentirosas mais recorrentes ditas pelo ex-presidente, a saber: 1) “Sempre convido pessoas importantes a sobrevoar a Amazônia. Não vê um foco de calor. A nossa floresta ela é úmida, não pega fogo”; 2) “Muitas vezes o cara tá fazendo uma fogueira de São João e aparece no satélite como foco de incêndio”; 3) “A Amazônia equivale a uma Europa Ocidental”; 4) “E muitas vezes o incêndio é na área que é permitido, o fogo, né? Todo ano. E quem pratica isso aí? Em parte, é o ribeirinho, é o caboclo, é o indígena”; 5) “País que mais preserva a natureza no mundo”; 6) “E a gente que voa pela Europa, pelos Estados Unidos, a gente não vê por lá mata ciliar”.

¹ As outras duas são *mis-information*, quando uma falsa informação é compartilhada sem a intenção de causar dano e *mal-information*, quando uma informação genuína é compartilhada para causar dano.

A Tabela 1 indica o número de vezes que cada uma das declarações mentirosas foi repetida, entre 2020 e 2022. O ano de 2019 foi excluído porque apenas uma delas começou a ser enunciada pelo ex-presidente naquele ano (“país que mais preserva a natureza no mundo”). Como se vê, a mentira mais repetida por Bolsonaro foi a de que a Amazônia não pega fogo por ser úmida. A declaração enganosa foi repetida 45 vezes, seguida da que o Brasil era o país que mais preservava a natureza do mundo, dita pelo ex-mandatário 32 vezes.

Tabela 1 – As seis mentiras sobre meio ambiente ditas por Bolsonaro e o número de vezes que foram repetidas pelo ex-mandatário ano a ano

Declarações mentirosas de Bolsonaro sobre meio ambiente	Número de repetições em 2020	Número de repetições em 2021	Número de repetições em 2022	Total
“Sempre convido pessoas importantes a sobrevoar a Amazônia. Não vê um foco de calor. A nossa floresta ela é úmida, não pega fogo”	15	16	14	45
“Muitas vezes o cara tá fazendo uma fogueira de São João e aparece no satélite como foco de incêndio”	2	1	6	9
“A Amazônia equivale a uma Europa Ocidental”	0	2	16	18
“E muitas vezes o incêndio é na área que é permitido, o fogo, né? Todo ano. E quem pratica isso aí? Em parte é o ribeirinho, é o caboclo, é o indígena”	0	3	4	7
“País que mais preserva a natureza no mundo”	12	10	10	32
“E a gente que voa pela Europa, pelos Estados Unidos, a gente não vê por lá mata ciliar”	0	0	5	5

Fonte: elaboração da autora a partir de contagem da agência *Aos Fatos* sobre o número de vezes que as afirmações enganosas do ex-presidente foram repetidas.

Para se chegar ao corpus desta pesquisa, o passo seguinte foi extrair palavras-chave referentes a cada uma das seis declarações do ex-presidente para, então, dar início a uma busca no *Google Notícias*, ano a ano, em busca das notícias correspondentes a elas publicadas nos principais sites de jornais que as veicularam. Para este artigo, não foram considerados portais nem sites de emissoras de TV e rádio. Foram coletados apenas os dez primeiros resultados retornados pelo *Google* a cada ano e a cada declaração falsa de Bolsonaro sobre o meio ambiente, entre 2020 e 2022. Para minimizar vieses, foi utilizado o recurso de janela anônima na ferramenta de busca. Na Tabela 2, a seguir, são expostas as palavras-chave utilizadas na busca no Google Notícias para cada uma das 6 afirmações mentirosas:

Tabela 2 – As declarações mentirosas de Bolsonaro sobre o meio ambiente e suas correspondentes palavras-chaves utilizadas na busca no Google Notícias

Declarações mentirosas de Bolsonaro sobre meio ambiente	Palavras-chave utilizadas na busca
“Sempre convido pessoas importantes a sobrevoar a Amazônia. Não vê um foco de calor. A nossa floresta ela é úmida, não pega fogo”	Bolsonaro; floresta úmida; Amazônia
“Muitas vezes o cara tá fazendo uma fogueira de São João e aparece no satélite como foco de incêndio”	Bolsonaro; São João; incêndios
“A Amazônia equivale a uma Europa Ocidental”	Bolsonaro; Amazônia; Europa Ocidental
“E muitas vezes o incêndio é na área que é permitido, o fogo, né? Todo ano. E quem pratica isso aí? Em parte, é o ribeirinho, é o caboclo, é o indígena”	Bolsonaro; Amazônia; incêndio; ribeirinhos; indígenas
“País que mais preserva a natureza no mundo”	Bolsonaro; país que mais preserva meio ambiente
“E a gente que voa pela Europa, pelos Estados Unidos, a gente não vê por lá mata ciliar”	Bolsonaro; mata ciliar

Fonte: elaboração da autora a partir de lista da *Aos Fatos* sobre as mentiras sobre o meio ambiente mais recorrentes de Bolsonaro

A partir da metodologia aplicada, chegou-se a um total de 38 notícias veiculadas em sites de jornais entre 2020 e 2022 acerca de tais declarações. Desse total, verificou-se que cinco das notícias eram repetidas. Ou seja, as mesmas notícias foram retornadas em buscas por palavras-chave diferentes, o que se explica pelo fato de o ex-presidente muitas vezes ter dado duas ou mais declarações falsas sobre o meio ambiente na mesma ocasião. Portanto, os veículos noticiaram mais de uma mentira na mesma notícia, fazendo a opção de dedicar o título para uma delas. Sobraram 33 notícias para serem analisadas, expurgando-se as repetidas e aquelas de outros sites que não eram de jornais, conforme já exposto. Essas notícias foram publicadas em nove veículos, a saber: *Correio Braziliense*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *Valor Econômico*, *Estado de Minas*, *Gazeta do Povo*, *O Tempo*, *O Estado de S. Paulo* e *Tribuna da Imprensa*.

Todas as notícias foram lidas, mas o foco desta pesquisa foram os títulos e subtítulos. Para Fonseca Jr. (2015, p. 298), a “categorização consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade”. De acordo com Bardin (2020, p. 147-148), uma boa categorização deve apresentar 1) exclusão mútua (um mesmo elemento não pode ser incluído em duas categorias); 2) homogeneidade (só devem ser incluídas na mesma categoria unidades da mesma natureza); 3) pertinência (as categorias devem refletir os propósitos da investigação); 4) objetividade e fidelidade (os procedimentos devem ser objetivos para que possam ser replicáveis em outras pesquisas); 5) produtividade (o conjunto de categorias deve fornecer resultados que permitam inferências).

Seguindo tais diretrizes, chegou-se a três categorias de títulos — títulos declaratórios, títulos críticos e títulos apontando mentiras — e quatro categorias de subtítulos — declaratórios, críticos, explicativos e apontando mentiras. Também foi feito um ranking com os veículos que mais publicaram títulos e subtítulos declaratórios, críticos e apontando mentiras. Além disso, observou-se a variação ano a ano de tais categorias, a fim de avaliar se houve mudança de postura das organizações jornalísticas analisadas no transcorrer do mandato do ex-presidente.

5. Prevalência do jornalismo declaratório

Os resultados indicam a prevalência dos títulos declaratórios. Dos 33 títulos analisados, 21 foram declaratórios, representando 64% dos casos. Os títulos de teor crítico foram 11, o equivalente a 33%. Apenas um apontou que o ex-presidente Jair Bolsonaro estava mentindo — o correspondente a 3% da amostragem (ver Tabela 3). Quanto aos subtítulos, o cenário expressou a mesma tendência: dos 31 subtítulos analisados², 64,5% foram declaratórios, 22,5% foram críticos, 6,4% foram explicativos e 6,4% apontaram mentiras.

Tabela 3 – Ocorrência por ano das categorias de títulos publicados sobre as seis mentiras acerca do meio ambiente ditas por Bolsonaro

Ano	Títulos declaratórios	Títulos críticos	Títulos apontando mentiras	Total de Títulos
2020	8	7	0	15
2021	9	1	0	10
2022	4	3	1	8
Total	21	11	1	33
%	64%	33%	3%	100%

Fonte: elaboração da autora. A tabela reúne o corpus dos 33 títulos analisadas e publicados pelos nove veículos acerca das seis mentiras mais recorrentes de Bolsonaro sobre o meio ambiente.

² O número caiu para 31, pois dois dos veículos não publicaram subtítulos: a *Gazeta do Povo* e a *Tribuna da Imprensa*.

Embora os jornais tenham contribuído para dar eco a declarações enganosas do ex-presidente, a comparação ano a ano dos títulos acerca das mentiras indicou uma redução nas ocorrências de títulos declaratórios e o aumento de títulos críticos no transcorrer do mandato presidencial. Entre 2020 e 2022, houve uma queda de 50% nos títulos que apenas reproduziam as afirmações de Bolsonaro, sem contextualizá-las ou criticá-las. Já a ocorrência dos títulos críticos aumentou 57% no mesmo período. O único registro de título apontando as mentiras do ex-presidente foi em 2022.

No universo pesquisado, dois veículos chamaram a atenção por suas posturas diametralmente opostas. O *Correio Braziliense* foi o site de jornal que mais publicou títulos declaratórios — nada menos que 13 dos 33 analisados. O veículo não publicou sequer um título crítico no período sobre as mentiras mais alardeadas pelo ex-presidente. No extremo oposto, está *O Estado de S. Paulo* (ver Tabela 4). O site do jornal paulistano foi o único que apontou as mentiras de Bolsonaro, indo ao encontro dos achados de Barsotti e Aguiar (2021). As únicas ocorrências de título e subtítulo apontando a deliberada intenção do ex-presidente de enganar foram registradas pelo veículo. O *Estadão* tampouco publicou títulos declaratórios no corpus contemplado por esta pesquisa.

Tabela 4 – Distribuição por veículo dos títulos analisados sobre as seis mentiras acerca do meio ambiente mais repetidas por Bolsonaro

Veículo	Títulos declaratórios	Títulos críticos	Títulos apontando mentiras
<i>Correio Braziliense</i>	13	0	0
<i>O Globo</i>	3	3	0
<i>Folha de S. Paulo</i>	1	3	0
<i>Valor Econômico</i>	1	2	0
<i>Estado de Minas</i>	1	1	0
<i>Gazeta do Povo</i>	1	0	0
<i>O Tempo</i>	1	0	0
<i>O Estado de S. Paulo</i>	0	1	1

<i>Tribuna da Imprensa</i>	0	1	0
Total	21	11	1
%	64%	33%	3%

Fonte: elaboração da autora. A tabela reúne o corpus dos 33 títulos analisados e publicados pelos nove veículos acerca das seis mentiras mais recorrentes de Bolsonaro sobre o meio ambiente.

A notícia de *O Estado de S. Paulo* apontando as mentiras de Bolsonaro foi publicada no dia 22 de agosto de 2022, data em que o ex-presidente foi entrevistado no *Jornal Nacional*. Na ocasião, o site do *Estadão* publicou o título “Bolsonaro conta uma mentira a cada 3 minutos no *Jornal Nacional*”, seguida do subtítulo “Presidente repetiu alegações falsas sobre pandemia e processo eleitoral que já foram desmentidas anteriormente”. No texto, o jornal paulistano informa: “O presidente apresentou ao menos 13 informações falsas ou enganosas. Não foi possível checar todas as alegações feitas por ele. Confira a seguir a checagem do *Estadão Verifica*”.

Entre as afirmações taxadas como falsas estava a de que o Brasil preserva 66% de sua área verde. O site do jornal apontou que o então presidente estava se referindo ao fato de 66,5% do território brasileiro ser coberto por vegetação nativa, como mostra levantamento do MapBiomas. Entretanto, pondera o texto, é falso que tal cobertura esteja intacta. Citando a iniciativa Global Forest Watch, o jornal informa que o Brasil perdeu 1,361 milhão de hectares de florestas tropicais úmidas primárias em 2019, primeiro ano do governo do ex-presidente. “O país liderou o ranking de perda de florestas primárias naquele ano”, prossegue o veículo (Pacheco *et al.*, 2022).

O Globo e a *Folha de S. Paulo* aparecem empatados na liderança de publicação de títulos críticos acerca das mentiras mais contadas por Bolsonaro sobre o meio ambiente. Cada veículo registrou três no período. Uma das notícias com título crítico de *O Globo* foi produzida pela equipe de checagem das Organizações *Globo Fato ou Fake*. Publicada no dia 22 de setembro de 2020, ela estampava no título: “Veja o que é fato ou fake no discurso de Bolsonaro na ONU” (Velasco *et al.*, 2020).

Note-se que a única notícia a apontar mentiras, de *O Estado de S. Paulo*, também foi produzida pela equipe de *fact-checking* do jornal, o que leva à indagação acerca da cobertura

mais crítica ainda estar reservada a essas equipes. O mesmo caso se aplica ao *Estado de Minas*. O único registro de notícia com título crítico, publicada em 24 de julho de 2020, é procedente da AFP. Com o título “Checamos: Bolsonaro comparou incorretamente tamanho da Amazônia com Europa em *live*” (Checamos..., 2020), o conteúdo foi produzido pela equipe de *fact-checking* da agência, a *AFP Checamos*.

O site da *Folha* contestou o ex-presidente três vezes em seus títulos: “Contrariando Bolsonaro, Nasa aponta que queimadas são fruto do desmatamento” (Watanabe, 2020), publicado em 21 de agosto de 2020; “Terras indígenas concentram apenas 3% do desmatamento na Amazônia, aponta estudo” (Maisonave, 2021), publicado em 30 de março de 2021; e “Amazônia viveu dia com mais queimadas em agosto em duas décadas” (Watanabe, 2022), publicado em 26 de agosto de 2022.

Os exemplos citados são exceção à regra. O cenário revelado pela pesquisa corrobora o estudo de Gehrke, Träsel, Ramos e Ozorio (2023), segundo o qual os veículos acabam contribuindo para amplificar a desinformação. Cabe trazer à análise alguns desses títulos. A começar pela própria *Folha*. No dia 15 de novembro de 2021, o site do jornal paulistano publicou a notícia “Bolsonaro diz a investidores que Amazônia é paraíso, segue intocada e não pega fogo; veja vídeo” (Zanini, 2020). Na ocasião, o ex-presidente estivera em um evento para investidores em Dubai. Apenas o subtítulo contestava Bolsonaro: “Contrariando dados, presidente chegou a dizer que a floresta está intocada desde 1500”.

O site do jornal *Correio Braziliense* foi o que mais contribuiu para ampliar a desinformação. No dia 11 de agosto de 2020, o site do veículo estampou a notícia: “Essa história de que a Amazônia arde em fogo é uma mentira’, diz Bolsonaro” (Soares, 2020a). A declaração foi dada por videoconferência durante a 2ª Cúpula Presidencial do Pacto de Letícia, que coordena a preservação dos recursos na Amazônica. No dia 17 de setembro de 2020, o site do jornal da capital voltou a dar ênfase a uma declaração mentirosa de Bolsonaro — “O Brasil está de parabéns na preservação ambiental” (Soares, 2020b). A declaração foi feita por ocasião da inauguração de uma usina fotovoltaica na Paraíba. Apenas o sexto e o sétimo parágrafo informavam sobre o aumento de focos de incêndio na Amazônia e no Pantanal, segundo dados do próprio Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Em 19 de novembro do mesmo ano, o veículo da capital chegou ao ponto de reproduzir uma declaração de Bolsonaro em que o ex-presidente acusava os índios de trocarem madeira por cerveja na Amazônia: “Acontece até de índio trocar uma tora por cerveja”, diz Bolsonaro” (Soares; Martins, 2020). A afirmação foi feita durante uma das *lives* do então presidente. No ano seguinte, em 15 de novembro de 2021, o veículo publicou “Bolsonaro diz que Amazônia não pega fogo porque é ‘úmida’” (Bolsonaro diz..., 2020). Como visto na Tabela 2, a mentira foi repetida 45 vezes ao longo do mandato. Nesse caso, a contestação à declaração veio no terceiro parágrafo: “Vale lembrar que o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) divulgou há poucos dias que o desmatamento na Amazônia avançou 5% em outubro”.

O *Correio Braziliense* também liderou o ranking dos veículos que mais publicaram subtítulos declaratórios, com 12 ocorrências. Poderia se esperar que o site tivesse reservado o espaço do subtítulo para contextualizar as declarações enganosas do ex-presidente que estampou nos títulos, mas não foi o que aconteceu. Em uma única ocasião, o jornal publicou um subtítulo explicativo para contextualizar um ataque de Bolsonaro ao papa Francisco. “Bolsonaro critica texto do Papa: o papa é argentino, mas Deus é brasileiro” (Bolsonaro critica..., 2020), estampou o jornal. No subtítulo, a indicação de que o papa defendera a preservação da Amazônia: “O pontífice pediu a proteção da floresta amazônica em texto”. Em segundo lugar — tanto em títulos declaratórios quanto em subtítulos — está o site do jornal *O Globo* (ver Tabela 5). Foram três títulos declaratórios sobre as seis mentiras mais repetidas pelo ex-presidente acerca do meio ambiente e cinco subtítulos.

Tabela 5 – Distribuição por veículo de subtítulos analisados sobre as seis mentiras acerca do meio ambiente mais repetidas por Bolsonaro

Veículo	Subtítulos declaratórios	Subtítulos críticos	Subtítulos explicativos	Subtítulos apontando mentiras
<i>Correio Braziliense</i>	12	0	1	0
<i>O Globo</i>	5	1	0	0
<i>Folha de S. Paulo</i>	0	2	1	1

<i>Valor Econômico</i>	1	2	0	0
<i>Estado de Minas</i>	1	1	0	0
<i>O Tempo</i>	1	0	0	0
<i>O Estado de S. Paulo</i>	0	1	0	1
Total	20	7	2	2
%	64,5%	22,5%	6,4%	6,4%

Fonte: elaboração da autora. A tabela reúne o corpus dos 31 títulos analisados e publicados pelos nove veículos acerca das seis mentiras mais recorrentes de Bolsonaro sobre o meio ambiente.

Entre os títulos declaratórios de *O Globo*, vale destacar o que relacionava as queimadas a “fogueiras de São João”. No dia 9 de dezembro de 2021, o jornal carioca publicou: “Após dizer que Amazônia não pega fogo, Bolsonaro diz que focos de incêndio podem ser fogueiras de São João” (Dantas, 2021). A declaração foi feita em uma das *lives* do ex-presidente. O subtítulo tampouco era crítico: “Presidente voltou a minimizar questão das queimadas na região, mas comemorou dados do Meio Ambiente”. Somente no *sublead* havia a contestação ao argumento de Bolsonaro: “O presidente costuma realizar a afirmação de que apenas áreas do entorno sofrem com incêndios, mas o argumento é incorreto: dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) apontam para a existência de focos de incêndio na região”.

Considerações finais

A prevalência de títulos declaratórios (64%) sobre títulos críticos (33%) nas notícias publicadas por nove sites de jornais na cobertura das seis mentiras mais repetidas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro sobre o meio ambiente deve acender um sinal de alerta para a imprensa. Ainda que tenha havido redução de 50% dos títulos declaratórios entre 2020 e 2022, eles deveriam ter sido simplesmente evitados diante da fartura de dados científicos comprovando que eram enganosas as afirmações do ex-mandatário. Apenas um veículo — o *Estado de S. Paulo* — publicou um título sinalizando as mentiras de Bolsonaro.

Note-se que também houve uma maior ocorrência de subtítulos declaratórios do que críticos. Foram 64,5% contra 22,5% no corpus analisado. Poder-se-ia esperar que os veículos que deram destaque a declarações falsas em seus títulos pudessem tê-las contextualizado ou apontado as mentiras ditas por Bolsonaro em seus subtítulos. Entretanto, houve somente dois subtítulos explicativos (6,4%) e outros dois apontando as mentiras ditas por Bolsonaro (6,4%). Chega-se à mesma conclusão do estudo de Gehrke, Träsel, Ramos e Ozorio (2023), para os quais o jornalismo contribuiu para ampliar o cenário de desinformação.

Não é à toa que a objetividade vem sendo questionada enquanto um dos cânones do *ethos* profissional jornalístico. Ao propagar as mentiras do ex-presidente, os veículos estão se omitindo na análise e interpretação dos dados e evitando fazer um julgamento ético acerca dos fatos em nome da objetividade. Em meio a um cenário de desinformação e de ameaça à biodiversidade do planeta, o jornalismo declaratório não está contribuindo para orientar o “homem e a sociedade” e tampouco para garantir a permanência dela, como preconizou Park (1972).

A mentira, enquanto projeto político, leva à destruição do espaço público e, sem exageros, do planeta Terra. Nesse momento em que o Novo Regime Climático se impõe, não deveria haver espaço para hesitação. Se o jornalismo quiser recuperar seu papel de mediador da sociedade assentado na produção de verdades consensuais, terá de tomar partido em nome da sobrevivência não só da humanidade, mas do Terrestre (Latour, 2020).

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. Verdade e política. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 282-325.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2020.

BARSOTTI, Adriana. Os limites da objetividade no século XXI. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 44.; GP Teorias do jornalismo, 2021, Virtual. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2021.

BARSOTTI, Adriana; AGUIAR, Leonel. Nomear a mentira: a estratégia do jornalismo para resgatar seu locus de verdade em meio ao cenário de desinformação e plataformização. *Líbero*. São Paulo, ano 24, n.

49, set/dez. 2021, p. 123-140. Disponível em

<<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1633>>. Acesso em: 3 mar. 2023.

BOLSONARO CRITICA texto do Papa: o papa é argentino, mas Deus é brasileiro. *Correio Braziliense*. 13 fev. 2020. Disponível em:

<https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/13/interna_politica,827812/bolsonaro-critica-texto-do-papa-o-papa-e-argentino-mas-deus-e-brasil.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BOLSONARO DIZ que Amazônia não pega fogo porque é ‘úmida’. *Correio Braziliense*. 15 nov. 2021.

Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/politica/2021/11/4963262-bolsonaro-diz-que-amazonia-nao-pega-fogo-porque-e-umida.html>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CHAGAS, Luã José Vaz; CRUZ, Marcio Camilo da. Jornalismo declaratório e fontes oficiais. *Sur le Journalisme*, v.11, n.2, 2022, p. 108-123. Disponível em

<<https://revue.surlejournisme.com/slj/article/view/494/460>>. Acesso em: 6 mar. 2023.

CHECAMOS: Bolsonaro comparou incorretamente tamanho da Amazônia com Europa em live. *Estado de Minas*. 22 jul. 2020. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/factcheck/2020/07/24/interna_internacional,1170065/cheamos-bolsonaro-comparou-incorretamente-tamanho-amazonia-europa.shtml> Acesso em: 20 jun. 2023.

DANTAS, Dimitrius. Após dizer que Amazônia não pega fogo, Bolsonaro diz que focos de incêndio podem ser fogueiras de São João. *O Globo*. 09 dez. 2021. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/brasil/apos-dizer-que-amazonia-nao-pega-fogo-bolsonaro-diz-que-focos-de-incendio-podem-ser-fogueiras-de-sao-joao-25313339>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DOWNIE Jr, Leonard; HEYWARD, Andrew. *Beyond Objectivity: Producing Trustworthy News in Today's Newsrooms*. Arizona State University Foundation, 2023. Disponível em

<https://issuu.com/asufoundation/docs/beyond_objectivity>. Acesso em: 5 mar. 2023.

FONSECA JR., Wilson Corrêa da. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Editora Atlas, 2015, p. 280-304.

GEHRKE, Marília.; TRÄSEL, Marcelo; RAMOS, Álvaro.; OZORIO, Júlia. All the President's Lies: How Brazilian News Media Addressed False and Inaccurate Claims in Their Titles. *Journalism Practice*. Londres, v. 17, n.1, 2023. Disponível em

<<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17512786.2023.2174579?tab=permissions&scroll=top&role=tab>>. Acesso em: 3 mar. 2023.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide*. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GILBERTINI, Thuany; REAL, Nayani. “Jornalistas não têm respostas exatas para conter mentiras”, diz Jeff Jarvis. *Congresso da Abraji*, São Paulo, 13 de set de 2020. Disponível em

<<http://congressoabraji.blogspot.com/2020/09/jornalistas-nao-tem-respostas-exatas.html>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

IMUNDO, M.N.; RAPP, D.N. False balance and weight of evidence reporting and weight-of-evidence statements on beliefs and perceptions of climate change. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, v. 11, n.2, p.258-271, 2022. Disponível em <<https://psycnet.apa.org/fulltext/2022-40596-001.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOURE, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

MAISONNAVE, Fabiano. Terras indígenas concentram apenas 3% do desmatamento na Amazônia, aponta estudo. *Folha de S. Paulo*. 20 mar. 2021. Disponível em: <<https://folha.com/91sxo4kf>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MAROCCO, Beatriz. Fissuras no paradigma da objetividade jornalística. In: MAROCCO, Beatriz; ZAMIN (orgs.). *Crítica das práticas jornalísticas*. Santa Maria: E. UFSM, 2021.

MINDICH, D.T.Z. *Just the facts: how "objectivity" came to define American journalism*. New York: New York University Press, 1998.

MORAES, Fabiana. Jornalismo, ativismo e sensibilidade hacker: por uma prática que ousa dizer seu nome. *Alceu*, v. 21, n.44, 2021, p.115-131. Disponível em <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/244>>. Acesso em: 6 mar. 2023.

OLIVEIRA, Israel Dias. *Jornalismo declaratório*. São Paulo: Casa Flutuante, 2018.

PACHECO, Clarissa; PRATA, Pedro; PINHEIRO, Victor. Bolsonaro conta 1 mentira a cada 3 minutos no Jornal Nacional. *Estadão*. 22 ago. 2022. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/bolsonaro-1-mentira-3-minutos-jornal-nacional/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento. In: STEINBERG, C.S. (org.). *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultrix, 1972, p.168-184.

RÊGO, Ana Regina; BARBOSA, Marialva. *A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

RIBEIRO, Amanda. Bolsonaro mentiu mais de quatro vezes por dia durante governo. *Aos Fatos*, 29 dez 2022. Disponível em <<https://www.aosfatos.org/noticias/mentiras-bolsonaro/>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SCHUDSON, Michael. *Descobrendo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

SOARES, Ingrid. 'Essa história de que a Amazônia arde em fogo é uma mentira', diz Bolsonaro. *Correio Braziliense*. 11 ago. 2020a. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/08/4867749--essa-historia-de-que-a-amazonia-arde-em-fogo-e-uma-mentira---diz-bolsonaro.html>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOARES, Ingrid. "O Brasil está de parabéns na preservação ambiental", diz Bolsonaro. *Correio Braziliense*. 17 set. 2020b. Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/09/4876013-o-brasil-esta-de-parabens-na-preservacao-ambiental-diz-bolsonaro.html>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SOARES, Ingrid; MARTINS, Thays. "Acontece até de o índio trocar uma tora por cerveja", diz Bolsonaro. *Correio Braziliense*. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/11/4890034-acontece-ate-de-o-indio-trocar-uma-tora-por-cerveja-diz-bolsonaro.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SODRÉ, Muniz. *A sociedade incivil: mídia, liberalismo e finanças*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1999.

VELASCO, Clara; MODELLI, Laís; DOMINGOS, Roney; MARTELLO, Alexandre; GUIMARÃES, Hellen; PENNAFORT, Roberta. Veja o que é #FATO ou #FAKE no discurso de Bolsonaro na ONU. *G1*. 22 set. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/09/22/veja-o-que-e-fato-ou-fake-no-discurso-de-bolsonaro-na-onu.ghtml>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. *Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking*. Estrasburgo: Conselho Europeu, 2017.

WATANABE, Phillippe. Amazônia viveu dia com mais queimadas em agosto em duas décadas. *Folha de S. Paulo*. 26 ago. 2022. Disponível em: <<https://folha.com/g5cdmvik>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

WATANABE, Phillippe. Contrariando Bolsonaro, Nasa aponta que queimadas são fruto de desmatamento. *Folha de S. Paulo*. 21 ago. 2020. Disponível em: <<https://folha.com/far6wscz>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ZANINI, Fábio. Bolsonaro diz a investidores que Amazônia é paraíso, segue intocada e não pega fogo; veja vídeo. *Folha de S. Paulo*. 15 nov. 2021. Disponível em: <<https://folha.com/pin8t4qv>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

Adriana Barsotti – Universidade Federal Fluminense – UFF

Professora do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC-UFF) e professora adjunta do Departamento de Comunicação da mesma universidade. Integra a Rede de Pesquisa Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec), da SBPJor. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7834-9937>
Email: adrianabarsotti@id.uff.br

Dossiê *Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente*

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28026